MANHÃ

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

ESCRIPTORIO: RUA DA PAZ, N. 7

Anno I	Publicação semanal	Num. 10
Assignat. por mez 500 rs.	*Desterro, 30 de Maio de 1886*	*Pagamento adiantado*

Toda e qualquer correspondencia seja dirigida ao nosso escriptorio, acima mencionado.

AVISOS

Tendo-se finalisado, com o n. anterior, a mensalidade de Maio, rogamos aos Srs. Assignantes, que ainda não pagaram, o especial obsequio de satisfazerem as suas assignaturas.

Rogamos aos Srs. Assignantes que, no caso de não receberem os numeros de nosso jornal, como tem acontecido com alguns, nos enviem, por escripto, á rua da Paz n. 7 ou á typographia do «Jornal do Commercio, as suas reclamações, a fim de evitar difficuldades aos proprietarios d'esta folha.

Errata

Na—*Origem da Idéa Nova* do Sr. Aloysio Pauliceu, 3ª columna da 1ª pag., 6º periodo, em vez de —*Respeitamol-os, porque, observando, prestam*, etc.,—lêa-se—*Respeitamol-os, porque, aberrando, prestam*, etc.

No mesmo periodo em vez de —*o logico do que ha de prender*, etc.,—lêa-se—*o logico do elo que ha de prender*, etc.

Na poesia—Vesper—da Exma. Sra. D. Delminda Silveira, verso decimo terceiro, em vez de—*Vem, astro risonho*, lêa-se—*Vem, astro meu risonho.*

COLLABORAÇÃO

Origem da Idéa Nova

(*Continuação do n. 9*)

Do que havemos dito resulta que os pretensos reformadores cahem no mais grosseiro exclusivismo, só deixando em campo o genero satyrico, supprimindo todos so demais generos poeticos!

Mas esta suppressão é má, como já o disse o immortal Victor Hugo.

Já não accende o coração do homem uma chamma d'amor, que possa arrancar ao poeta uma lyra?

Já não ha uma virtude, um sentimento nobre, um acto heroico, que possa inspirar uma ode?

Já não anima o peito humano o sentimento da saudade, para arrancar ao poeta uma elegia?

Já não ha uma acção grandiosa que mereça uma epopéa?

Si todos os generos que haviam vivido na escola classica, poderam continuar a viver no dominio romantico, porque hão de morrer na escola realista?

Mudou-se a natureza humana?

Não ha mais affectos puros, não mais flores, não mais idéas grandiosas, não mais astros; só se veem urzes, espinhos, trevas, ignorancia, podridão, alcouces, sentinas, lodaçaes, alcoolismo, vicios, infamias!

Quebrem-se as tubas, espedacem-se as harpas, e viva o azorrague!

O bem é uma mentira; a realidade é o mal!

A virtude é um mytho; o vicio é tam sómente real!!...

A virgindade é uma ficção; só é real o clitorismo, o priapismo, o estupro, o adulterio!!!....

A verdade e a justiça são idéas metaphysicas, e, por consequencia, ficticias; só tem realidade o erro e a injustiça!!!.....

Os poetas, portanto, entes excepcionaes, não teem mais nada a fazer senão zurzir o ebrio, o adultero, o vadio, o ladrão, o podre, o infame, o horrivel!.....

E dizem que vivemos no seculo das luzes!

Mas esta escuridão medonha affirmada pelos pretensos progressistas não é um desmentido solemne?

Longe, pois, a suppressão: nada se aniquile, tudo se transforme.

Si o mundo marcha, deve progredir o coração: não se póde conceber o progresso sem moral.

O progresso do mal é um verdadeiro regresso do bem.

ALOYSIO PAULICEU.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

SERGIO VICTOR FALCÃO

Falleceu na noite de 27 para 28 do corrente o nosso joven amigo e assignante Sergio Victor Falcão.

Arrebatado tão cedo dos braços de sua carinhosa Mãe e parentes, que o idolatravam ardentemente, deixou o inditoso moço, por suas excellentes qualidades, criterio e alma magnanima, um grande numero de sympathias sinceras a chorar a fatalidade de sua morte.

Não é para menos, pois os dotes moraes que tanto distinguiam a Sergio impunham-n'o á estima e admiração de todos.

Mas que triste sina a do homem!

Quando povoam-nos a mente as mais risonhas esperanças; quando nos orgulhamos de possuir um filho ou filha, na flor da idade, nos quaes, revendo-nos como em um espelho, advinhamos a nossa felicidade, a nossa ventura, o nosso arrimo para uma velhice proxima; quando julgamos caminhar para um mundo todo amor, todo affeição, no qual, nós, moços, edificámos um templo, cuja deusa é a mulher de nossos affectos e a quem amamos, eis que bate-nos, de improviso, ás portas a terrivel, a implacavel morte e tudo arrebata-nos e tudo desmorona!...

E' o que tem sido a epidemia reinante em nossa Capital.

Deplorando sinceramente o baixar ao tumulo de nosso infeliz amigo Sergio Falcão, vem a *Manhã* depôr em sua ultima morada uma modesta grinalda de saudades roixas, e apresentar á Exma. e inconsolavel familia do finado os seus sentidos pesames.

Vigilias Deleitosas

Ali onde uma elevação se estende, vê-se um domicilio, cujo frontispicio torna-se luzidio, quando os raios do dragão sanguinio, já tepidos nas portas do poente, desenham nas orlas horizontaes perfeitos quadros, que a natureza anima e que só se póde descrevel-os desbotadamente, pois, a magnificencia confunde o pensamento.

E' ali que uma gentil figura habita.

E' um typo aquilino de estatura vulgar, de um ar brando, rosto risonho, olhos luminosos, azues, como as agoas tropicaes, membros flexiveis; emfim é a figura luxuosa de desesseis annos, que parece uma dessas estatuas metaphysicas que repousam em pedestaes virtuosos de vapores subtilissimos.

Em certos momentos do dia a vejo como scismando nos oculos crystalinos de seus affectos.

E' a hora em que o céo começa a scintillar com os tons acentuados das luzes.

A natureza ensinua e desperta uma mystica aragem que parece fallar dos mysterios desconhecidos.

. . . . . .

Em certos momentos do dia a vejo como scismando, gosto, porque o espirito se me activa.

H. Berlink.

A Republica do Bastos

Quem vêr o titulo que encima este escripto presumirá que vae ler o historico de algum estado republicano pouco conhecido, ou mesmo que se procure discutir o projecto do Sr. Joaquim Nabuco, com prejuizo da integridade do Imperio.

A *republica* em questão é outra, mais commum, menos incommoda, onde não ha presidente nem presidenciados, nem ministros, nem finanças, nem religião, nem commercio, nem conveniencias, nem lei...

Nessas *republicas* a liberdade é o soberano principio que rege tudo o mais.

A Republica do Bastos ficava na monarchica cidade de Joinville, sem despertar por isso protesto algum das autoridades locaes.

Viviam nella dous rapazes: o Niemeyer e eu, empregados do telegrapho. Comnosco dormia o Alfredo, que havia pouco tempo se estabelecera com casa de commissões. O genio alegre, folgasão e despretencioso do Alfredo fizera-o o primeiro da troça.

Frequentavam a republica: o Fausto, o Estelita, o Zéca, o Mario e o Aristides, e as vezes vinham de S. Francisco o Reinaldo e o Sergio; quasi já na decadencia da Republica appareceu o Corrêa.

O Alfredo era o mais velho: teria uns 28 annos. De estatura regular, regulares proporções, claro, cabellos como o bigode e *cavanhac* negros, olhos vivos e de uma expressão intelligente. Amava sobre tudo tres cousas na vida: as mulheres, a musica e o theatro.

O Niemeyer era um typinho imberbe á usar uns oculos azues; filho de páes allemães, fronte espaçosa e callado; lia muito, e apezar do seu reconcentramento não teve remedio senão metter-se depois com os companheiros.

O Fausto era outro homensinho; era intelligente, tinha estudos e tocava piano; namorador de força, tinha a infelicidade de ser sentimentalista e ciumento de mais. Com uma cousa dava solemne cavaco: era não possuir um bonito bigode, regalia com que a Providencia parece-me ainda não o dotou.

O Estelita, o irmão, era um rapazola criança ainda, mas muito alto; como criança, por qual-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

quer cousa que gostava, dava umas gargalhadas longas, dessas gargalhadas que fazem provocar outras de quem as ouve.

O Zéca tinha uns 17 annos; claro, imberbe, extremamente sympathico, baixo e cheio de corpo; gostava muito de versos.

O Mario era pouco mais velho que o Zéca, porém muito alto e fino de corpo, de uma sympathia irresistivel; tinha umas ingenuidades sans, despido de qualquer pretenção, pouco fallador, sincero e amante de bailes. Nunca se o vio zangado, e qualquer cousa que o contrariava soffria callado, sem um unico queixume.

O Aristides não era um assiduo companheiro; outros *cuidados* o preoccupavam... Era alto, sympathico e poeta.

O Reinaldo, de S. Francisco, que, assim como o Sergio, visitava a miudo a Republica, era um rapaz de 20 annos, moreno e baixo, e o Sergio um pouco mais alto, claro e amante de musica e de certos devaneios. Naquelle rapaz ordinariamente frio havia uma alma excellente.

O Corrêa era um rapaz de 27 annos mais ou menos, moreno, com uns modos amatutados, se bem que muito palrador: era muito intelligente, muito lido e muito republicano. Estatura mais que leviana, cabellos á escovinha, bigode e *cavanhac*, olhos pequenos, negros e vivos.

Eis ahi os personagens principaes que frequentaram a Republica do Bastos (como lhe chamavam) no decorrer de Julho de 1883 até 1885.

*
* *

A republica comprehendia uma sala vazia, uma salêta com uma mesa e uma estante com alguns livros, tres cadeiras; uma sala de jantar com um caixão grande emborcado a servir de mesa de jantar e ao canto uma talha quebrada; tres quartos, no primeiro dos quaes era a *séde*, isto é, onde servia de ponto de reunião. Nesse quarto havia tres camas: a do Alfredo, a do Niemeyer e a minha. A do Niemeyer (que chamavamos de «Fragata Santa Rosa» por ser curva e se parecer com um casco de navio) e a minha ficavam arrumadas logo pela manhã, mas a do Alfredo ficava como elle a deixava ao erguer-se.

Roupas dependuradas em cabides e em pregos pelas paredes, um lavatorio de páo, pintado não se sabia já de que côr, um espelhinho raxado, um violão dependurado e uma mesinha com uma garrafa servindo de castiçal: papeis, pedaços de jornaes, vidros vasios de perfume, um livro velho, e outras *misturas*, tudo na maior confusão.

Joinville, Maio de 1886.

(Continúa).

Album de homens illustres

(brazileiros e europeus)

Adolpho Thiers

Luiz Adolpho Thiers, nascido a 16 de Abril de 1797, em Marselha, conhecido por um eminente estadista, historiador e jurisconsulto, autor de diversas obras importantissimas como: *Le roi regne et ne gouverne pas*; *Histoire de la revolution française*; *Histoire du consulat et de l'Empire*; *De la propriété*, etc., etc.

O grande diplomata Thiers foi um dos vultos mais sabios de França:—elle foi o rival de Cavour e Bismark.

Desterro, 15 de Setembro de 1884.

W. Freelife.

Dr. Luiz Guimarães Junior

Ao illustrado poeta brazileiro Dr. Luiz Guimarães Junior

Navegas timoneiro em mar de glorias,
Das glorias da nação!
Arremessas aos ventos do futuro
Teu nome as gerações,
Como um punhado d'ouro sobre os loiros
Que te ornam o coração!..

Desterro, 4 de Novembro de 1884.

Luiz Neves.

Luiz Augusto Rebello da Silva

A 19 de Setembro proximo passado fez doze annos que Portugal chora a perda de um dos seus mais illustres filhos, o eminente escriptor Luiz Augusto R. da Silva, cujas obras importantissimas figuraram sempre nas estantes dos mais abalisados criticos da litteratura moderna. Para dizer de Rebello da Silva o que seu reconhecido merito reclama, sinto-me fraco; exporei, comtudo, conforme m'o permittirem as forças, os sentimentos que me vão n'alma relativamente a esse genio portentoso, a esse athleta incansavel.

O talento de R. da Silva era incontestavelmente grande.

Parece que o sol de 2 de Abril de 1822 teve por unico fim illuminar a sua intellectualidade, tal era a magia de sua dialectica.

Contando apenas 18 annos, já mostrava a mais dicidida vocação pelas lettras, pois assim o provam um *Ensaio de Romance Historico*, por elle publicado no *Cosmorama Litterario*, jornal da sociedade Escholastico—Philomatica; a *Tomada de Ceuta*, cujos conscienciosos estudos lhe deram um nome immortal na historia da patria.

Como romancista que o digam aquelles que tem compulsado *Rausso por—Homiro*, etc.

Como economista é o que se vê nos Compendios de *Economia Politica*, *Industrial* e *Rural*, etc.

Como orador não se podia desejar mais.

Aos 16 annos já começava a adestrar-se nas luctas da palavra.

Quando elle tinha a palavra nas grandes questões do parlamento, ficavam todos extacticos ante a magestade de sua eloquencia.

Pena foi que tão prematura morte lhe cortasse o fio da existencia.

Mas, R. da Silva é immortal.

Seus escriptos que revelam a grandeza de seu genio, constituem o padrão de sua gloria e o orgulho de seus filhos.

Outubro de 1883.

Joaquim R. N. e Silva.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Padre Antonio Vieira

Que poderei eu dizer do famoso padre Antonio Vieira, quando nos seus proprios escriptos existem provas evidentes, palpaveis ao que foi o grande discipulo de Loyola?

Antonio Vieira foi—e ainda é—a encarnação da pureza do estylo, da magnificencia da literattura brazileira!

A' semelhança d'esses meteóros que atravessam rapidos o espaço, deixando após si um traço luminoso, o famoso jesuita desappareceu no tumulo, legando á posteridade reverente vestigios immorredouros da sua passagem pelo pantheon das lettras.

Jose Prates.

A. F. de Castilho

Já não existe o author dos *Ciumes do Bardo*. A sua vida póde-se cifrar n'esta phrase apenas:—Aprendeu e ensinou.

18 de Janeiro de 1884.

S. D.

Jornaes recebidos.—*Jornal do Commercio*, *Regeneração*, *Tribuna Popular*, *Idéa*, *Echo Laguense*, *Commercial*, *Independente*, e o n. 15 do *Lageano*.

A *Matraca* tem-se esquecido do caminho do nosso escriptorio.

Agradecendo, continuaremos na permuta.

Cavaquinhos

(*Continuação do n. 9*)

E' mister ainda que—não esqueça-me de dizer que o maestro Barbosa ali foi ter com a sua mui applaudida orchestra, que não só embalava-nos no agradavel dos sons que derramava o seu instrumental bem afinado, como imprimia á festa uma caracter totalmente alegre.

E foi a presença do Barbosa ue instigou a rapaziada aos volos e zig-zagues da dança.

O apparecimento de musica aonde se acham moços tem quasi sempre como consequencia precisa, necessaria—a dança.

E, como já disse-te, para corôar a obra, para firmar o sublime da festa, um ligeiro, mas estrondoso baile, seguio-se ao terço que se rezou em torno da cruz.

As moças d'ali houveram-se de modo a captar-nos a sympathia.

A fatuidade, a impávia, que vemos ostentar gente que presume viver em terra de... cegos, si não de. . asnos, ao passo que quando tiverem de cahir mortas hão de invadir a propriedade alheia, porque não possuem lugar seu para fazel-o á regalo; essa impávia, repito, não teve ingresso no salão destinado ao baile.

Um *quê* de familiariedade, que não saltou as trincheiras do conveniente e comedido e uma agradabilidade de prender, de fascinar, imperaram n'esse festim terpsychoriano.

Acredita, amigo, que um baile arranjado assim ás pressas ahi por fóra vale duzentas vezes mais do que todos os bailes de clack, casaca e luva, realisados aqui.

Então?... perdeste, ou não uma grossa pandega?

Já vês, pois, que emprestar censura a esse arrayal é ser demaziadamente leviano e injusto.

Redicularisal-o, antopciando a crença da sua população, é, certamente, tambem assumpto que não deve occupar tempo a quem, como eu, reconhece na liberdade da crença um poder inviolavel.

A' vista do exposto e de harmonia com os principios da bôa educação, cumpre a mim e áquelles que me acompanharam n'esse passeio e participaram dos obsequios d'aquelle povo, dar expansão á gratidão de que nos possuimos, bradando sempre contra todo e qualquer juizo pouco justo e digno, que, por ventura, façam os insensatos.

E' verdade que temos noticias de algumas desordens ali, mas estas, longe de, moralmente, offender os brios locaes, eleva o lugar á altura da consideração dos espiritos sensatos, porque reagir contra desordeiros, expulsar malfeitores, é obrigação que cabe a uma população que zela a sua autonomia e bem-estar.

De plano combinado, ás vezes, os sornas, a escoria da nossa sociedade, exhibe-se em certos lugares do interior, de modo reprovavel, inconveniente e offensivo, e, si recebem *escaramuça*, tóca a vociferar contra o lugar que servio de pasto ás suas infamias.

Saiba a gente transpôr os portaes alheios e guardar conveniente posição ante os estranhos, que a generosidade publica, não se fará esperar.

Quando a pessoa é criteriosa e nobre não se acha solitaria entre um povo, pois a prova tivemos no Estreito, onde recebeu os maiores obsequios essa pleiade que lá compareceu domingo ultimo.

E si o director duvida disso interrogue aos seguintes e distinctos moços:—Olympio, Tarquinio, Constancio, José Candido, Francisco Cunha, Antonio Cunha, Gervaerd, José Pedro, Henrique de Abreu, Manoel dos Santos, e outros muitos que ali souberam comportar-se como pessoas dignas que são.

Não achando prudente *cacetear* mais ao amavel leitor, faço ponto aqui.

Cornelius.

PHILOSOPHIA

Roga-se a quem possuir uma Philosophia de Barbe e quizer vendel-a o favor de dirigir-se ao escriptorio de nossa folha.

TYP. DO «JORN. DO COMMERCIO»

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina